

Nas Garras da Patrulha: O Discurso de Humor em Temas Como a Violência Periférica¹

Francisca Leonora da Costa SALES²
Daiany Ferreira DANTAS³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

Resumo

O presente artigo tem como objeto de estudo o humorístico “Nas garras da patrulha”⁴, programa que possui um modo coloquial de se fazer humor, chamando atenção do público não somente pelos bonecos de pano que compõem os personagens, mas pelo modo como o humor é apresentado, fazendo sátiras de acontecimentos regionais, utilizando como referência os noticiários locais. Objetiva-se nesse trabalho compreender o seu espaço como produto da cultura de mídia, o discurso de humor que é reproduzido e de que forma temas como a violência periférica são apresentados em sua composição, analisando um quadro específico composto por duas personagens, no qual um assunto sério é apresentado dentro de um contexto risível.

Palavras-chave: Garras da patrulha; Violência periférica; Risível; Cultura de mídia.

Introdução

O programa “Nas garras da patrulha” surgiu inicialmente como uma produção da Rádio Verdes Mares no ano de 1987 e devido ao sucesso migrou para a televisão no ano 2000, sendo produzido e exibido até hoje pela TV Diário de Fortaleza, também pertencente ao Sistema Verdes Mares de Comunicação. O formato e o modo de se fazer humor basicamente nunca tiveram grandes alterações. Mesmo mudando de plataforma, o programa continuou com a sua originalidade, fazendo sátiras de acontecimentos regionais utilizando como referência em sua grande maioria os programas policiais.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de graduação 5º semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo do DECOM-UERN. Email: leonorasales_1@outlook.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social do DECOM-UERN. Email: daianyantas@uern.br.

⁴ Programa brasileiro, estrelado originalmente no ano de 1987 no rádio. Devido ao sucesso migrou para a televisão no ano 2000. Produzido e exibido pela TV Diário de Fortaleza, pertencente ao Sistema Verdes Mares de Comunicação.

A composição do programa é feita por pequenos esquetes⁵ com determinados personagens, esses que representam alguns dos estereótipos nordestinos (o “cachaceiro”, as “fofoqueiras”) contando histórias geralmente baseadas no cotidiano da população cearense. Um aspecto forte é o fato do discurso de humor ser acrescentado sobre relatos sérios, conseguindo obter a comicidade transformando uma frase ou um assunto sério em algo risível.

O modo coloquial de se fazer humor no programa é um dos fatores que mais chamam a atenção, não somente pelos bonecos de pano, mas pelo conjunto de elementos que o compõem. Como por exemplo, o sotaque cearense, as frases e ditos comuns, até mesmo as situações do cotidiano que são apresentadas nos pequenos esquetes geram identificação por parte dos espectadores.

As personagens específicas “Sinira Beiçuda” e “Froxilda Fofote” representam, de certo modo, todos os elementos presentes na composição do programa. A começar pelo quadro das duas, onde debatem assuntos de grande relevância para a população cearense. São temas sérios, mas apresentados dentro de um contexto cômico. O próprio nome das personagens é um fator risível, por ser inusitado.

A violência periférica é apresentada no programa como uma forma de criticar determinadas situações ou autoridades específicas, mas ao mesmo tempo com o intuito de tornar risível um discurso totalmente sério. “O submundo da sociedade [...] um dos mundos mais significativos para a cultura de massa.” (MORIN, 1969, P. 112). A mídia na cultura de massas evidencia a violência na periferia, apresentando na maioria de suas narrativas uma violência que não é encontrada nas classes superiores ou áreas nobres.

O submundo da sociedade aqui pode ser explicado como a periferia evidenciada no programa, ao qual a violência é um tema recorrente nas discussões apresentadas, onde há uma crítica social por parte da população quanto aos problemas enfrentados.

O discurso de humor, a violência periférica e o espaço do programa como produto da cultura de mídia são os pontos que norteiam esse trabalho, buscando analisar como se dá a construção de cada um na composição do programa e a relevância desses aspectos como fatores que geram identificação no público.

“Nas garras da patrulha” na cultura de mídia

⁵ **Esquete** é uma peça de curta duração, geralmente de caráter cômico, produzida para teatro, cinema, rádio ou televisão. O termo em Inglês com o mesmo significado é “*sketch*”. (Significado do termo retirado da internet, disponível em: <<http://www.significados.com.br/esquete/>>).

“Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que muitas pessoas forjam sua identidade.” (KELLNER, 2001, P. 9). A cultura de mídia é responsável por modelar comportamentos, pensamentos, fornecendo o material para que muitas pessoas forjem suas identidades. No programa “Nas garras da patrulha”, uma questão em específico chama a atenção, o fato de ele ser feito para uma determinada população e tratar de assuntos comuns para aquele público, assemelhando-se ao cotidiano daquelas pessoas.

O seu lugar na televisão é em uma emissora local da cidade de Fortaleza, também com exibição em outros estados. Emissora essa que preza pelo regionalismo cearense em sua grade de programação. Os próprios programas policiais que serviram de inspiração para a criação do humorístico por muitas vezes se utilizam do discurso informal, tornando-se risível em algumas situações.

Os modelos e estereótipos midiáticos também são perceptíveis na composição do programa. A começar pelos personagens que trazem em seus quadros uma representação dos estereótipos nordestinos, as “fofoqueiras”, o “cachaceiro”, o “corno”, todos esses definidos por gêneros (a fofoqueira é a mulher, o homem é o cachaceiro). Os sentidos de classe social superior/inferior também podem ser observados, aparecendo por muitas vezes personagens considerados “ricos” ou “pobres”, ambos em contextos diferenciados e em situações específicas para sua “classe”. O que Kellner (2001, P. 9) define como os símbolos, mitos e recursos fornecidos pela mídia, que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos.

O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura de mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. (KELLNER, 2001, P. 9).

As histórias criadas e os discursos veiculados, bem como os estereótipos, representam de maneira mais ampla, uma cultura comum àquela determinada população que acompanha o programa, um cotidiano que se assemelha à realidade de seus

espectadores, sendo esse um dos fatores que explicam o sentimento de identidade do público com o humorístico. O riso também é um fator de identificação, tendo maior significado e sentido risível para aqueles que se sentem familiarizados com determinadas situações.

“O entretenimento oferecido por esses meios frequentemente é agradabilíssimo e utiliza instrumentos visuais e auditivos, usando o espetáculo para seduzir o público e levá-lo a identificar-se com certas opiniões, atitudes, sentimentos e disposições.” (KELLNER, 2001, P. 11). Por se tratar de um humorístico, “Nas garras da patrulha” oferece entretenimento ao público. Diferente de outros canais, o programa é exibido semanalmente de segunda à sexta com reprise aos domingos⁶.

Como pontua Kellner (2001, P. 11), o entretenimento oferecido pela mídia é agradável e se utiliza dos instrumentos visuais e auditivos para oferecer o espetáculo que seduz o público, levando-o a identificar-se com certas opiniões e sentimentos. É possível identificar esses pontos na composição do programa, quando oferece um entretenimento agradável (o humor) utilizando dos instrumentos visuais e auditivos, nesse caso, a composição visual do programa (com os bonecos de pano), e a linguagem regional são recursos utilizados para produzir o humor, esse mesmo que se dá devido aos fatores de identificação, por se tratarem de situações com as quais o público se sente familiarizado.

O risível na composição do programa

Dentre os elementos que constituem o programa, o risível destaca-se pelo fato de ser inusitado e acrescentado em situações que em outros contextos não seriam tratadas de maneira cômica. No episódio utilizado para análise, o humor se apresenta pelo que Bergson (1983) definiu como “risível de ditos espirituosos”, quando se consegue transformar uma frase ou assunto sério em algo risível.

O episódio escolhido para análise intitula-se: “Nas Garras da Patrulha - Froxilda e Beijuda comentam insegurança na Avenida Raul Barbosa”⁷.

⁶ Informação retirada do site oficial do programa.

⁷ Episódio retirado do canal oficial da TV Diário no Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-YHUjedbW0I>>. *Raul Barbosa é uma avenida da cidade de Fortaleza.



Figura 1: Froxilda e Beiçuda se encontram na rua para conversar.⁸

De início, as personagens encontram-se na rua e se cumprimentam. O que se pode observar primeiramente é o contexto cômico criado, a começar pelos nomes das personagens, e em seguida quando “Froxilda” utiliza expressões do tipo “*Diga aí diaba pôde*” “*Fala beijo furtado*” para cumprimentar a amiga.

O assunto sério é inserido logo em seguida, quando “Beiçuda” fala “*Meu amor, olha, hoje eu quero reclamar é da falta de segurança na Avenida Raul Barbosa, aqui em Fortaleza*” ao que depois explica “*Por conta daquela obra do viaduto que está deixando o trânsito mais caótico ainda, aí os malacas se aproveitam da lentidão do trânsito pra fazer as paradas*”⁹.

Por fim, a personagem acrescenta: “*É por isso Froxilda que eu estou aqui, para pedir às autoridades que coloquem policiamento ali naquela extensão daquela área*”, ao que sua amiga complementa: “*É Beiçuda, porque lá tinha uma guarita da polícia que foi tirada pra fazer esse viaduto. Se não tem mais guarita então coloque pelo menos policiais ali, não é Beiçuda?*”. O episódio é finalizado com “Froxilda” acrescentando: “*Então, pra essa insegurança que tá ali, tomando de conta da Raul Barbosa, a gente só diz uma coisa hein*” (as duas falam ao mesmo tempo) “*Pode um negócio desse?*”.

O episódio torna-se cômico quando as personagens debatem um assunto sério dentro de um contexto risível. As expressões utilizadas e a forma como o tema é comentado levam o espectador a rir de determinada situação.

Obter-se-á um dito cômico sempre que se consiga inserir uma ideia absurda num molde de frase consagrada [...] Obtém-se um efeito cômico quando se transpõe a expressão natural de uma ideia para outro tom. (SUASSUNA apud BERGSON, 2002:150).

⁸ Fonte: Recorte feito do Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-YHUjedbW0I>>.

⁹ Nesse caso, “Malacas” é o nome dado aos assaltantes, e “Paradas” são os pontos em que eles assaltam.

O risível de ditos espirituosos encontra-se presente na maior parte da composição do programa. Nos quadros “policiais”, por exemplo, é apresentada uma sátira dos noticiários locais. Assuntos como prisões, tráfico de drogas, roubos, são trazidos para um contexto cômico. No caso das personagens “Beijuda” e “Froxilda”, ambas fazem uma crítica à falta de segurança na avenida e finalizam pedindo uma solução para o problema, o que leva o espectador a também questionar determinada situação, por ser algo que faz parte do cotidiano dele.

Trata-se de um programa que tem por finalidade “divertir” o público ouvinte, mas que extrapola os limites do entretenimento, visto que dá visibilidade aos problemas e dramas vivenciados por grupos das classes populares, fazendo críticas, de forma superficial, porém irreverente, principalmente a órgãos da administração pública, a políticos e governantes. Não parece haver uma intenção explícita de questionar o *status quo*, mas tal fato acaba ocorrendo, ainda que não repercute de maneira mais profunda no contexto social, nem altere o perfil do programa. (SANTOS, 2004, P. 68).

“Nas garras da patrulha” é um programa televisivo que busca entreter o público, mas que ganha relevância social quando, através de suas piadas, consegue tecer críticas e pedir soluções para determinados problemas, dando visibilidade às situações vivenciadas pelas classes populares.

O humor, nesse caso, não é somente uma ferramenta utilizada para entreter ou fazer rir, mas também para criticar e esclarecer o público acerca de seus direitos como cidadãos. Um exemplo é o direito de criticar um problema e exigir das autoridades a solução. O que é o caso das personagens “Froxilda” e “Beijuda”, que por serem cidadãs e moradoras da cidade, criticam e exigem uma solução para o problema.

A violência periférica no contexto do programa

Contudo, no universo realista da cultura de massa, a liberdade não se encarna, a não ser excepcionalmente, fora da condição humana. Ela se exerce em quadros plausíveis, mas esses quadros são *supra, extra* ou *infra*-sociais, isto é, acima, fora ou abaixo da lei social. É, portanto, nos horizontes geográficos (exotismo) ou históricos (o passado aventuroso ou mesmo o futuro de *Science-fiction*), ou ainda nos cumes ou submundos da vida vivida, que se desdobra a vida que falta em nossas vidas. (MORIN, 1969, P. 111).

Na cultura de massas, a violência apresenta-se, em sua grande maioria na periferia, nos “submundos” da sociedade. Nas áreas nobres e nas classes superiores,

difícilmente encontram-se relatos de violências ou crimes. A grande imprensa evidencia a violência que é comum em favelas, para pessoas de classes inferiores. Os horizontes geográficos, ou seja, a linha que separa a área nobre da periferia, na cultura de massas é evidenciada por desdobrar uma vida que não é comum a nossas vidas, é como se nos projetássemos naquela realidade e mantivéssemos tal fascínio por ela, naquele mundo que parece distante socialmente do nosso.

A liberdade infra se exerce abaixo das leis, nos “submundos” da sociedade, junto aos vagabundos, ladrões, *gangsters*. Esse mundo da noite é, talvez, um dos mais significativos da cultura de massa. Porque o homem civilizado, regulamentado, burocratizado, o homem que obedece aos agentes, aos editais de interdição, aos “bata antes de entrar” aos “da parte de quem”, se libera projetivamente na imagem daquele que ousa tomar o dinheiro ou a mulher, que ousa matar, que ousa obedecer à sua própria violência. (MORIN, 1969, P. 112).

Segundo Morin (1969, P. 112), o submundo da sociedade, lugar onde se encontra a violência, os crimes, ladrões, vagabundos, é um dos mundos mais significativos para a cultura de massas, porque é o lugar em que o homem civilizado, que obedece às leis e não comete crimes, se libera projetivamente na imagem daquele que é o seu oposto socialmente. No programa é possível identificar essa projeção dos submundos da sociedade. A figura do ladrão, os relatos de violência por parte da comunidade e os próprios cenários do programa relembram a ideia da periferia, de uma população que supostamente, vive à margem.

A proliferação das violências imaginárias se acrescenta a vedetização das violências que explodem na periferia da vida cotidiana sob a forma de acidentes, catástrofes, crimes. A imprensa da cultura de massa abre suas colunas para os fatos variados, isto é, para os acontecimentos contingentes que só se justificam por seu valor emocional. (MORIN, 1969, p. 114).

Há, ainda, o que é intitulado como “vedetização” das violências que explodem na periferia, ou seja, certa espetacularização das tragédias cotidianas através do sensacionalismo, como se as mortes, os casos de assalto fossem um produto da imprensa de massa para adquirir audiência. Por isso o “submundo da sociedade” é tão significativo dentro da cultura de massas, porque é dentro dele que eclodem acidentes, crimes, catástrofes. No caso, o objeto aqui estudado, utiliza como referência para produzir humor os programas policiais e noticiários locais, estes que muitas vezes se utilizam do sensacionalismo para tratar de assuntos como as mortes, por exemplo.

“Contudo, a um segundo exame nota-se que a presença no sensacionalismo, do horrível, do ilícito, do destino e da morte da vida quotidiana, é atenuada pelo modo de consumo jornalístico.” (MORIN, 1969, P. 115). O sensacionalismo, nesses casos, tornou-se um modo de consumo jornalístico, que acaba por espetacularizar as violências.

Creio que, no caso de “Nas garras da patrulha”, a fascinação exercida por esse mundo é explicada mais pela possibilidade de identificação que de projeção. Isso porque esse mundo representado não parece um mundo tão distante do mundo real de uma grande parte do público que ouve o programa. As situações de violência fazem parte do cotidiano das favelas e dos bairros periféricos de Fortaleza com certa frequência, sendo, talvez, muito mais uma realidade vivida ou presenciada do que apenas imaginada. (SANTOS, 2004, P. 78).

Na composição do programa, é possível observar alguns desses fatores relatados acima. O universo retratado, por muitas vezes se assemelha ao que Morin (1969, P. 111) definiu como “submundo”. São periferias, onde os personagens reclamam da violência, relatam casos de assaltos, assassinatos. O que Santos (2004, P. 78) vem afirmar, é que no programa em específico, a fascinação por esse “submundo” ocorre mais pela realidade do que pela projeção, as situações de violência nesse caso não são somente imaginadas pelo espectador, são vividas por ele, presenciadas.

As personagens “Froxilda” e “Beijuda” relataram tal situação de insegurança em uma avenida específica, o que podia, naquele momento, ser um problema comum a outros moradores da cidade. Portanto o telespectador não iria somente se imaginar naquele cenário, visto que se trata de uma realidade para determinada população, é algo vivenciado.

Ainda que privilegie fatos policiais (assaltos, assassinatos, violência sexual, etc), dando ênfase especial para a situação de violência nos bairros da periferia da cidade, o programa apresenta também notícias sobre conjuntura política e econômica, nacional e local, focalizando ainda carências dos bairros periféricos de Fortaleza (como falta de iluminação, de água, de pavimentação, escassez de ônibus, etc.). [...] As histórias dramatizadas são, geralmente, inspiradas em fatos noticiados pelos jornais e retratam situações vividas por personagens de “um universo ambíguo da ordem social”, no qual tudo aquilo que sufoca o indivíduo- as leis, os regulamentos, códigos e moralidades- é relativizado, ficando “difícil dizer onde está o certo e o errado, o justo e o injusto (DaMatta, 1997: 276)”. (SANTOS, 2004, P. 67; 68).

O programa também apresenta notícias sobre conjuntura política e econômica, focalizando nas carências dos bairros periféricos de Fortaleza, o episódio analisado é um exemplo disso, por tratar de um assunto de conjuntura política. Como já foi falado

antes, além de oferecer entretenimento, ele também exerce um papel social para a população, o fato de retratar assuntos como a insegurança ou até mesmo quando exige soluções por parte das autoridades, como no caso do episódio analisado, onde a personagem encerra sua fala fazendo um apelo às autoridades.

O sensacionalismo dos programas policiais é uma das referências para a construção de “Nas garras da patrulha”, que busca fazer uma sátira e apresentar uma visão engraçada de determinados acontecimentos.

“Isso não impede, entretanto, que por uma curiosa reviravolta moderna, seja a realidade vivida, e não mais a imaginária, que se torne o fornecedor trágico de cultura.” (MORIN, 1969, P. 116). A realidade, nesse caso, é o principal fornecedor de humor no programa. A violência que se apresenta brutal para quem a vivencia, torna-se cômica, levando o espectador a rir do seu próprio cotidiano.

Considerações Finais

Os objetivos que nortearam esse artigo tinham como base a compreensão dos elementos que constituíam o objeto analisado, nesse caso, o humorístico “Nas garras da patrulha”. Buscando compreender o seu espaço na cultura de mídia e analisando de que forma o risível se apresenta no programa. E, principalmente, apresentar a violência periférica como um tema colocado no programa como meio de criticar determinadas situações através do humor, tornando cômica uma realidade que é vivida pela comunidade.

Na cultura de mídia, o programa se apresenta como um elemento que utiliza de diversos instrumentos visuais e auditivos para oferecer entretenimento. Dessa forma, pode-se considerar o programa como produto da cultura de mídia, por, além de oferecer entretenimento, levar o público a identificar-se com certas opiniões e atitudes, quando representa e gera sentimento de familiaridade através das histórias contadas.

Com base nos textos dos autores utilizados como referência pode-se dizer que os objetivos iniciais desse trabalho foram alcançados, visto que os conceitos nortearam as ideias que inicialmente foram colocadas.

Foi possível compreender como a violência periférica se apresenta no programa, como esse tema é colocado para criticar determinadas situações e torna cômica uma realidade da comunidade. As histórias relatadas no programa geram certo sentimento de

familiaridade com o telespectador. Como já foi citado anteriormente, o fato de Froxilda e Beicuda criticarem uma situação que é de interesse social (A falta de segurança) possibilita a quem assiste também questionar e cobrar dos responsáveis a solução para o problema.

Apesar de ser considerado por muitos um entretenimento do tipo “*Besteirol*”¹⁰, o humorístico “Nas Garras da Patrulha” não deve ser considerado irrelevante quando se trata de Comunicação Audiovisual e Cultura Regional. A começar pelo fato de ser um programa que migrou de plataforma, começou no Rádio e em seguida estreou na TV devido ao sucesso alcançado. Seu espaço midiático e o modo como apresenta o humor possibilitam um leque de discussões midiáticas.

O fato de apresentar situações que geram familiaridade no telespectador o diferencia de muitos humorísticos, pois esse produz um humor específico para o público que se quer atingir, nesse caso, a população cearense e as demais regiões do Nordeste que podem acompanhar o programa. O que pode ser pensado como forma de delimitação através de uma pesquisa do seu público.

Outro ponto a ser considerado é o fato do humorístico ter o seu espaço dentro da TV Diário de Fortaleza, um canal que preza pelo regionalismo em todos os seus programas, sejam eles jornalísticos, policiais ou de entretenimento. Por possuir uma linguagem regional que é percebida através dos sotaques e dos ditos populares comuns no Nordeste, o programa obtém um sucesso que talvez não fosse obtido em outros canais que seguem uma linha editorial mais rigorosa.

Um aspecto de relevância sobre esse artigo é a discussão que se abre sobre a realidade representada no humorístico e a realidade do público que o assiste. Sendo esse um ponto passível de nortear diversas discussões, tanto sociais quanto midiáticas.

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henry. **O riso- Ensaio sobre a significação do cômico**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 105 p.

KELLNER, Douglas. **A cultura de mídia- estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. 1. Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 454 p.

¹⁰ Gênero de humor definido por seu conteúdo absurdo, escrachado, crítico, geralmente usado para criticar situações cotidianas, a sociedade ou a política: comédia besteirol. Informação retirada da internet. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/besteirol/>>.

KLÖCKNER, Luciano; PRATA, Nair. **História da mídia sonora [recurso eletrônico]: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil-** Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 558 p.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX- O espírito do tempo-1 neurose.** 9. Ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1997. 208 p.

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. **Gênero e comunicação: o masculino e o feminino em programas populares de rádio.** 1. Ed. São Paulo: Annablume, 2004. 176

p.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética.** 6. Ed. São Paulo: José Olympio, 2004. 396 p.